Camtra

CASA DA MULHER TRABALHADORA

Acesso às Políticas de Saúde e Violência Doméstica para Mulheres no Período da Pandemia

Como Estão os Serviços Públicos de Atendimento às Mulheres?

Fundada em 1997, a CAMTRA é uma organização feminista, que tem como missão ir ao encontro de outras mulheres com a perspectiva de colaborar para a promoção de seus direitos e para o fortalecimento de sua autonomia, tendo em vista a construção de uma sociedade justa e igualitária. Assim, todas as mulheres são trabalhadoras em casa ou na rua.

A Camtra aplicou uma enquete online junto às mulheres com as quais durante este período de pandemia mais nos aproximamos, através das lideranças femininas, que têm atuado diretamente em seus territórios, comunidades e favelas. Foi possível estabelecermos conjuntamente ações solidárias tais como distribuição de cestas básica, material educativo, preservativos femininos e masculino. A pesquisa contou com a intermediação de várias destas lideranças para que as mulheres pudessem ter acesso à enquete, que teve o intuito de conhecer um pouco sobre a realidade que estamos enfrentando e tem sido tão difícil para todas nós. A pesquisa tratava sobre os serviços públicos de saúde em duas áreas de atuação da instituição: “violência contra as mulheres” e “direitos sexuais e direitos reprodutivos”. A intenção foi, por um lado, entender a capilaridades dos serviços entre as mulheres trabalhadoras e, por outro, o nível de conhecimento que possuem sobre seus direitos.

Alcançamos 244 mulheres respondendo nossas perguntas e foi possível pular perguntas, garantindo que as mulheres ficassem mais à vontade com o questionário.

A enquete foi feita de forma virtual e contou com respostas das mulheres lideranças comunitárias e suas redes de atuação que integram os grupos de articulação que a Camtra fomenta desde o início da pandemia: “Camtra com as Mulheres”, “CAMTRA COVID” e, por último a articulação de lideranças que foi denominada como “Mulheres Entrelaçadas”.

Recebemos respostas entre os dias 08 de setembro e 16 de setembro de 2021. Foram 20 perguntas no total. As respostas eram anônimas e baseadas no critério de autodeclaração. Colocamos apenas uma pergunta discursiva e todas as demais eram de múltipla escolha. A maioria, com a possibilidade de serem inseridos comentários adicionais.

A enquete continha perguntas relacionadas aos serviços de atendimento em saúde e direitos das mulheres desde hospitais, delegacias especializadas até teleatendimentos como o Disque 100 e o Disque 180. Diante da alta receptividade que a enquete alcançou acreditamos que a atividade foi um sucesso.

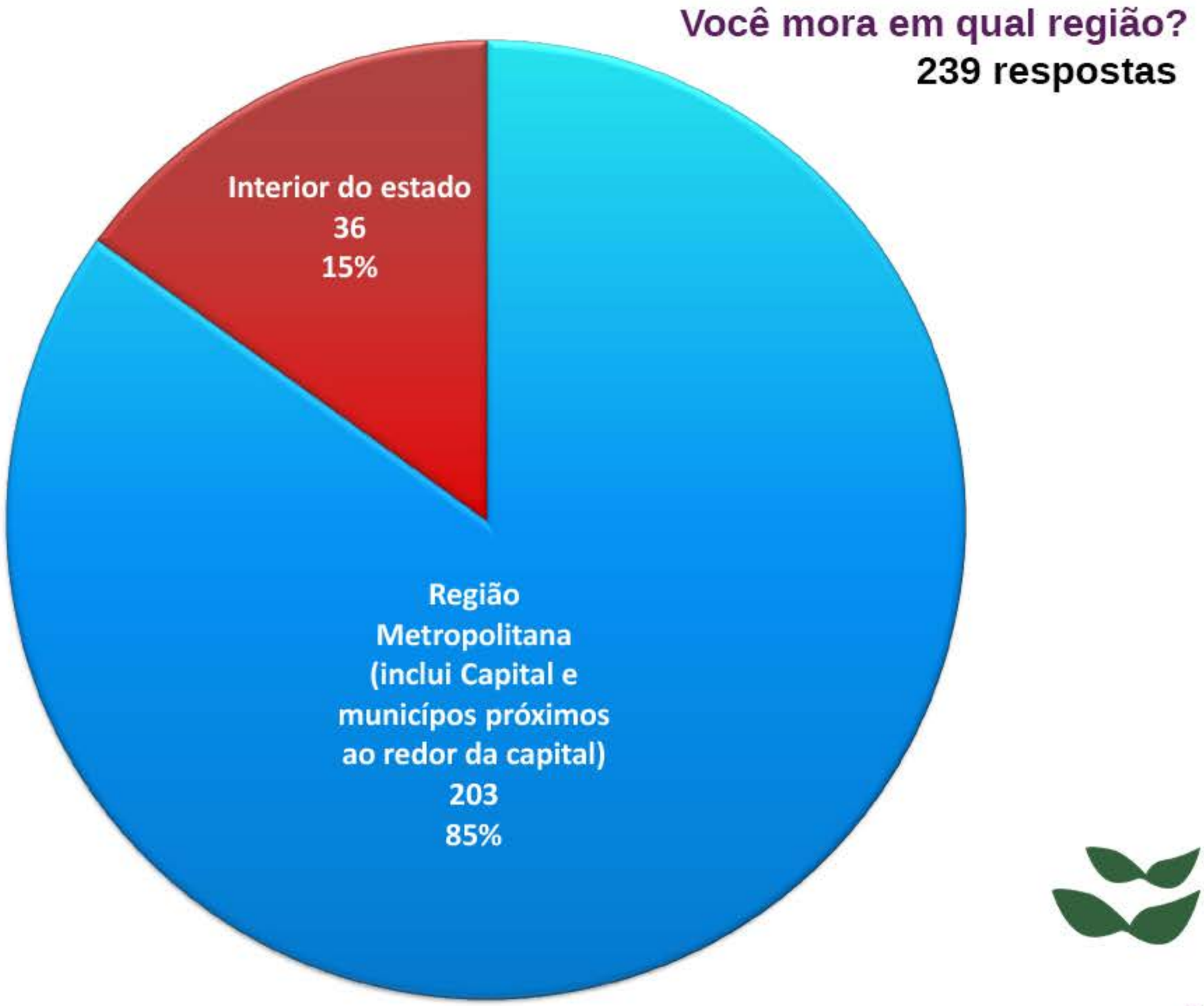
Análise dos resultados

A seguir, apresentamos a análise dos resultados coletados segundo cada uma das perguntas presentes na enquete. Os resultados estão agregados em três blocos, de acordo com a temática. O número de mulheres que responderam a cada pergunta, quando não aparecem no contexto da frase em questão, pode constar entre parênteses, exemplo "mulheres com idade entre 20 e 29 anos (34)". Onde 34 é o número de mulheres incluídas nesta faixa etária. Alguns gráficos foram simplificados com a junção em uma mesma categoria de dados que apareceram soltos como "faço bicos" e "trabalho ajudando minha mãe de vez em quando" no conceito de trabalho informal.

Perfil das mulheres que responderam:

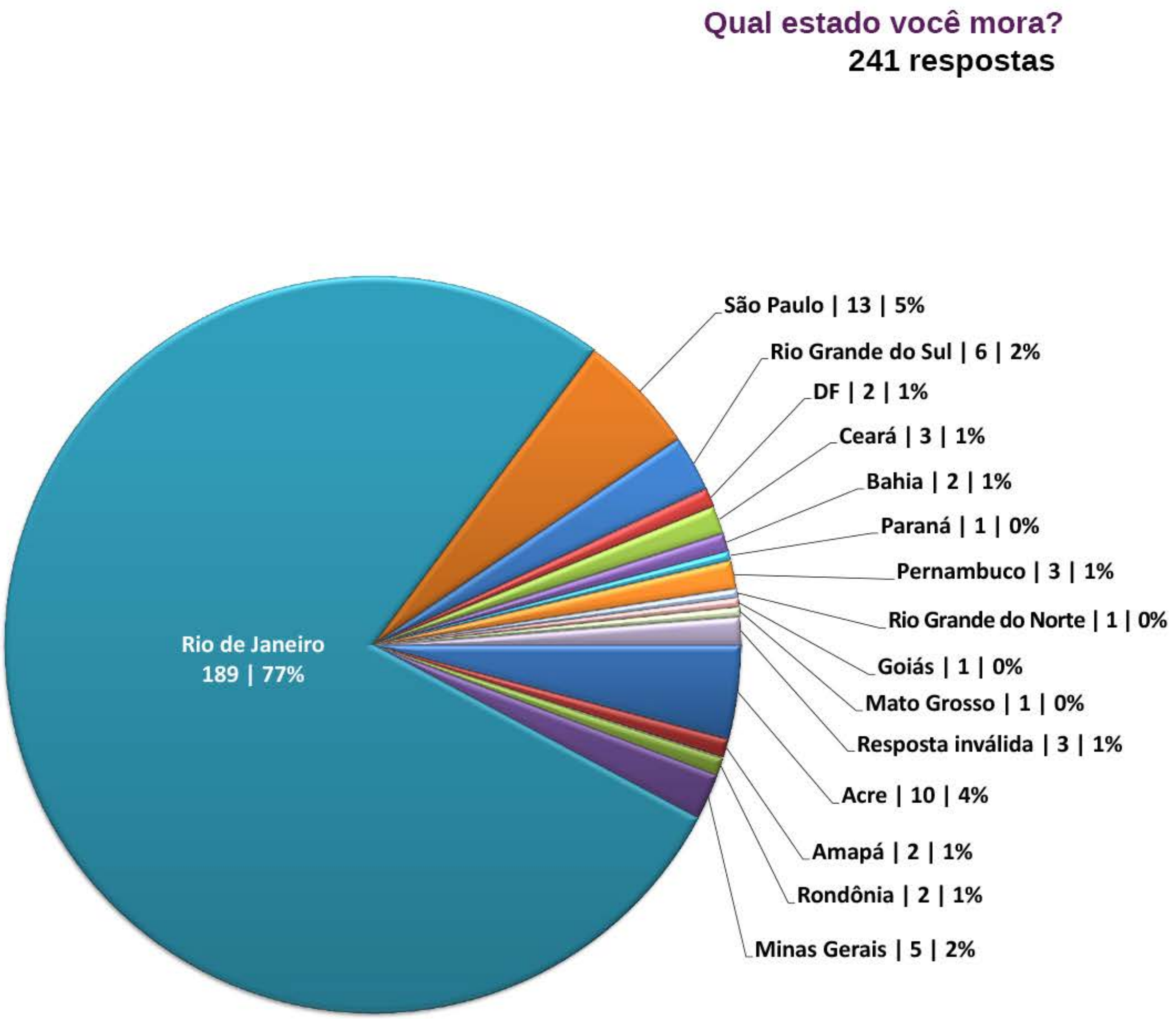
Região de moradia

O perfil das mulheres que responderam a enquete é composto por 84,9% de mulheres que residem nas capitais e regiões metropolitanas e 15,1% no interior dos estados, o que inclui cidades de pequeno porte, zonas rurais e aldeias indígenas, que são os territórios nos quais a Camtra possui atuação recorrente. O total de respostas para este item foi de 239, o que significa uma alta participação e possibilidade de mapeamento da extensão de nossa atuação.



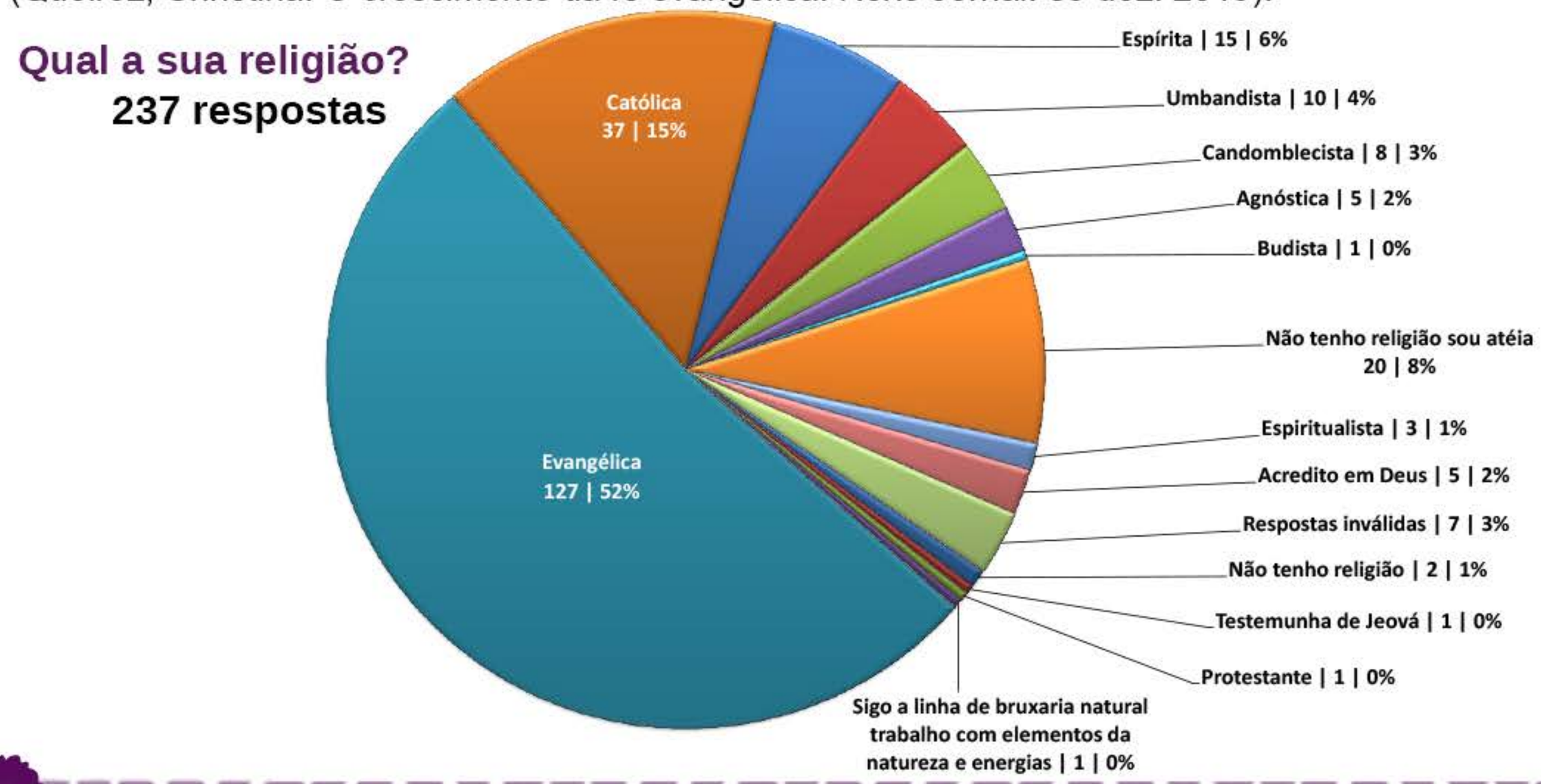
Estado

Para a pergunta sobre estado de residência alcançamos 241 respostas, destas, 3 não foram válidas. O Rio de Janeiro aparece com 77%, o que equivale a 189 respostas, seguido de São Paulo com 5% e Acre com 10 respostas e 4% das residências. Outros estados da região Norte, como Amapá (2) e Rondônia (2), também responderam somando um total de 14 respostas válidas para esta região. Minas Gerais (5), São Paulo (13) e Rio de Janeiro (189) compõem as respostas para o Sudeste. Os outros estados das regiões Norte e Sudeste não obtiveram nenhuma resposta. As demais respostas correspondem a menos de 1% e representam estados do Centro-Oeste, Sul e Nordeste. Temos, assim, uma ideia da dimensão da atuação da Camtra nestas duas regiões e a capacidade de mobilização da instituição junto às suas redes mais sólidas, localizadas no estado do Rio de Janeiro.



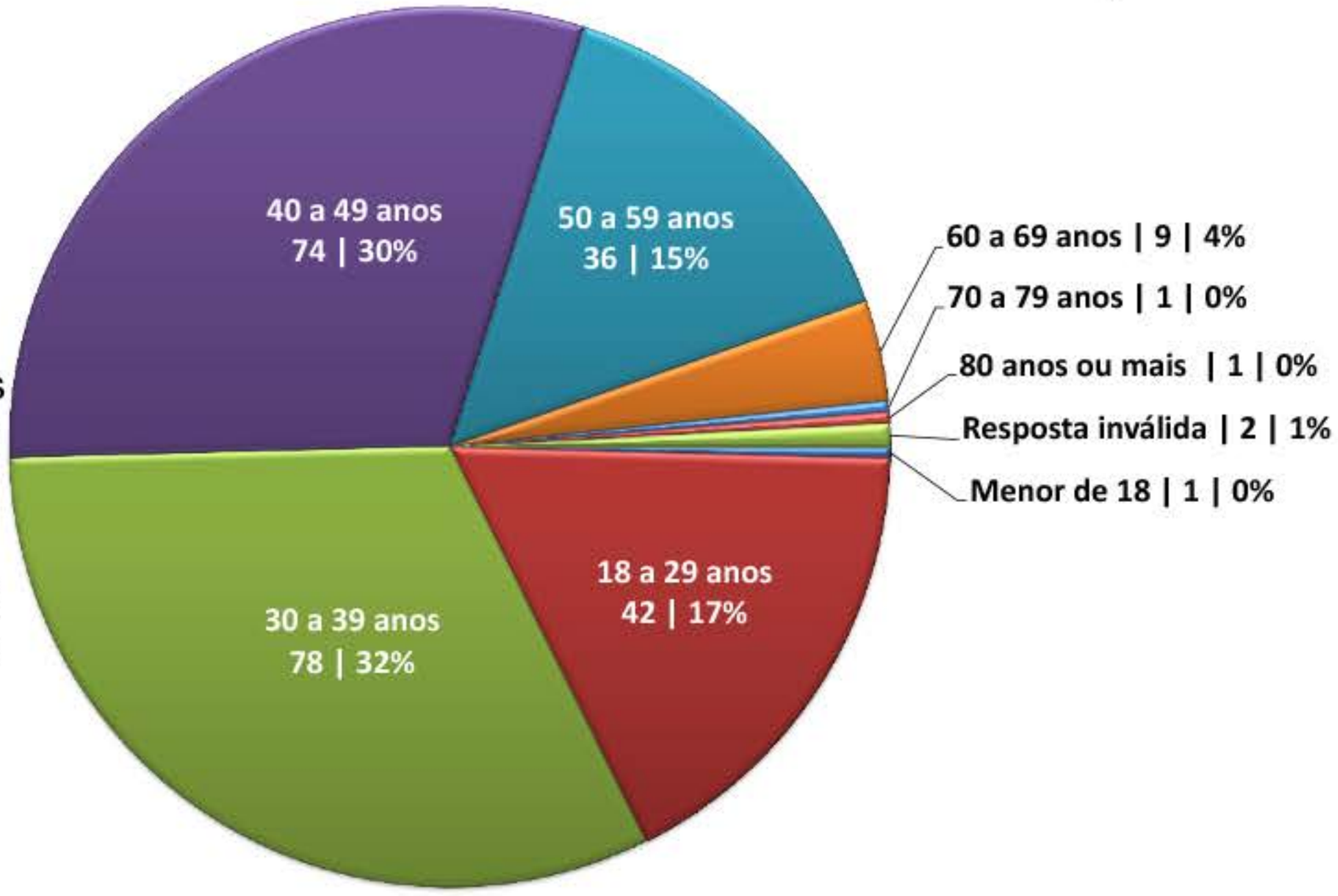
Religião

As mulheres evangélicas representam 52% das que responderam a este item, seguidas das católicas com 15%, ateias com 8%, espíritas com 6%, umbandistas com 4% e candomblecistas com 3%. As demais religiões não marcaram 1% das respostas, exceto “Acredito em Deus” e agnósticas que chegaram a 2%. Foram 237 respostas e todas válidas. O Brasil é um país majoritariamente evangélico, entre as mulheres empobrecidas os índices são ainda mais altos. Em 2010, 42,3 milhões de pessoas, 22,2% da população brasileira, se declarava evangélica, segundo o Censo do IBGE. (Queiroz, Christina. O crescimento da fé evangélica. Nexo Jornal. 09 dez. 2019).



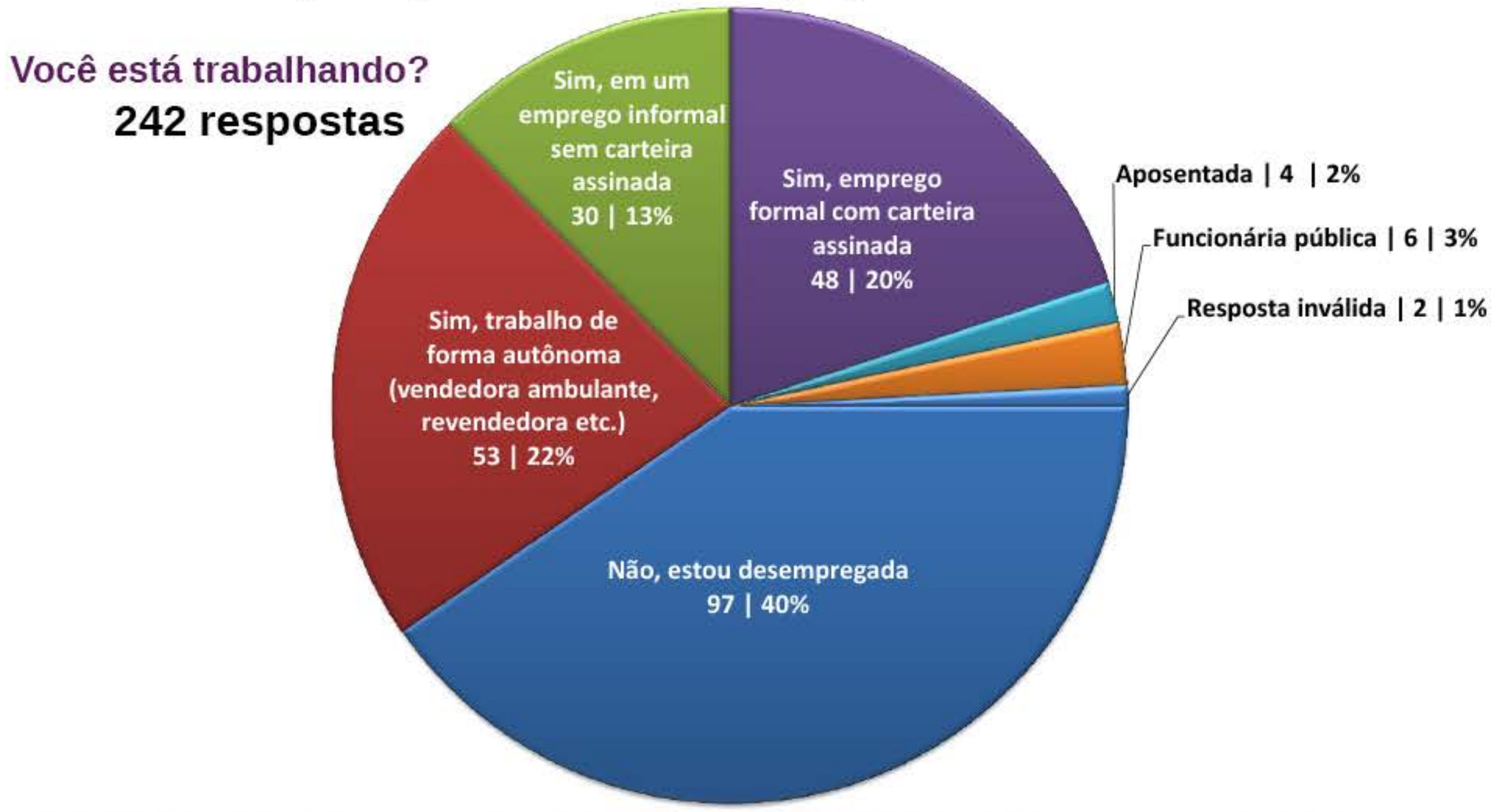
Idade

A Camtra é uma instituição que trabalha majoritariamente com mulheres entre 40 a 49 anos e 30 a 39 anos, estes dois grupos somados representam 62% das 242 respostas para esta questão. Seguidos das mulheres entre 50 a 59 anos, com 36% das respostas e 17% das mulheres possuem idades entre 18 e 29 anos. Foram 242 respostas, das quais apenas 1% não foram válidas. O dado da faixa etária é muito relevante para a Camtra porque sabemos que as mulheres que atendemos são principalmente lideranças comunitárias que possuem trajetórias sedimentadas de atuação política no campo dos direitos humanos.



Emprego

Das 242 respostas sobre ocupação das mulheres encontramos o triste cenário de que 39% delas estão desempregadas, são 96 mulheres nesta situação. Seguidas de 22% trabalhando com autônomas em ocupações precarizadas, 12% delas em empregos formais sem carteira assinada e 19% em empregos formais com carteira assinada. Apenas 2 respostas foram inválidas. O desemprego e o desalento aparecem na sociedade brasileira como principais fatores de vulnerabilidades para as mulheres trabalhadoras e suas famílias. Identificamos o quanto a situação é grave, já que a maioria das mulheres que responderam está desempregada.



Estado civil

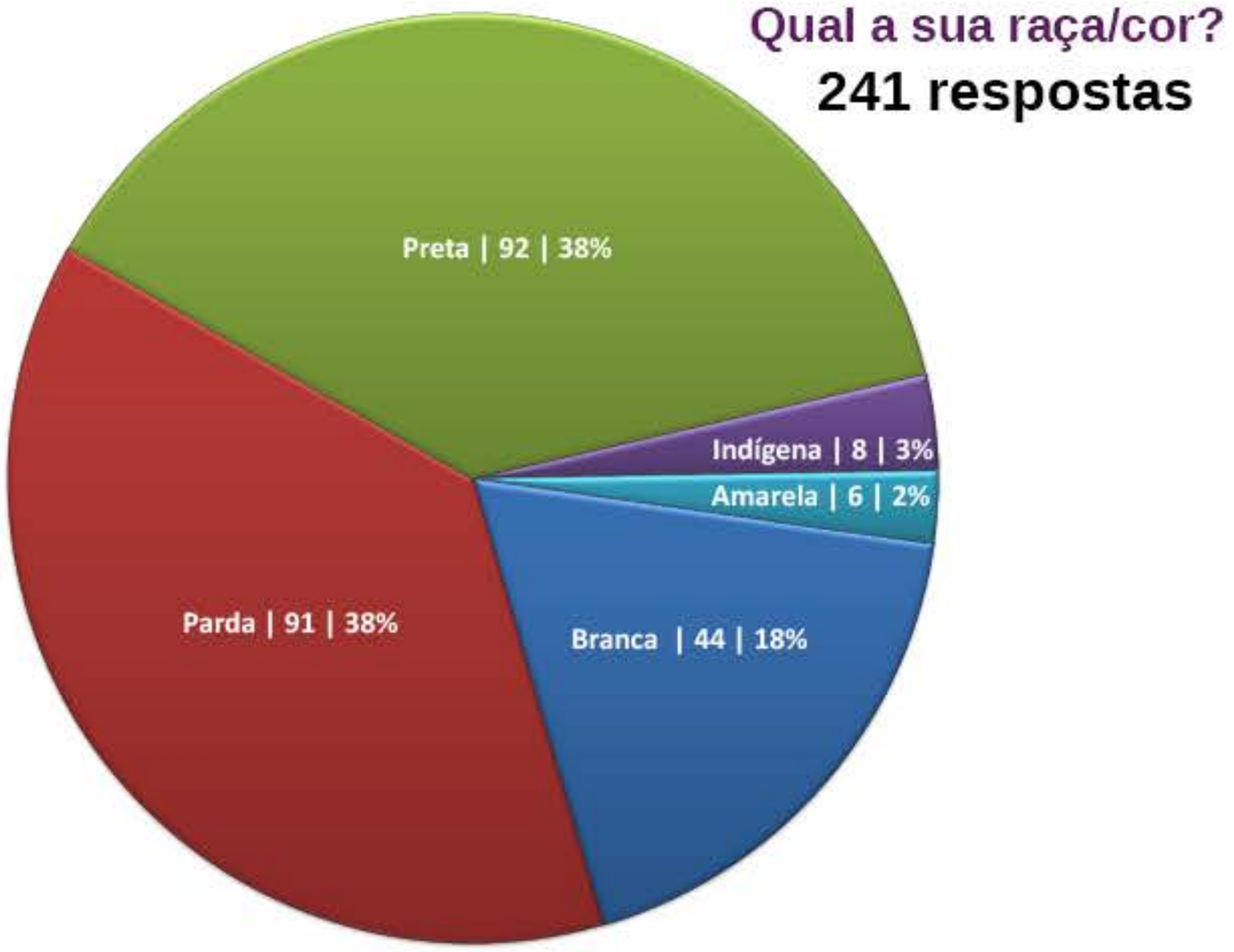
Obtivemos 242 respostas para esta pergunta, das quais 2 eram inválidas. Assim, seguimos com 40% das trabalhadoras casadas, representando 98 respostas, 32% solteiras e 13% divorciadas o representa pelo menos 45% de mulheres provavelmente responsáveis por seus próprios lares e filhas(os), com ou sem pensão e outras formas de participação dos pais e demais familiares. Os demais campos incluem noivando, namorando, morando junto, união estável e em processo de divórcio e se somados fazem com que o grupo de mulheres em relações conjugais seja um pouco maior do que o de mulheres solteiras e divorciadas somados.



Raça/cor

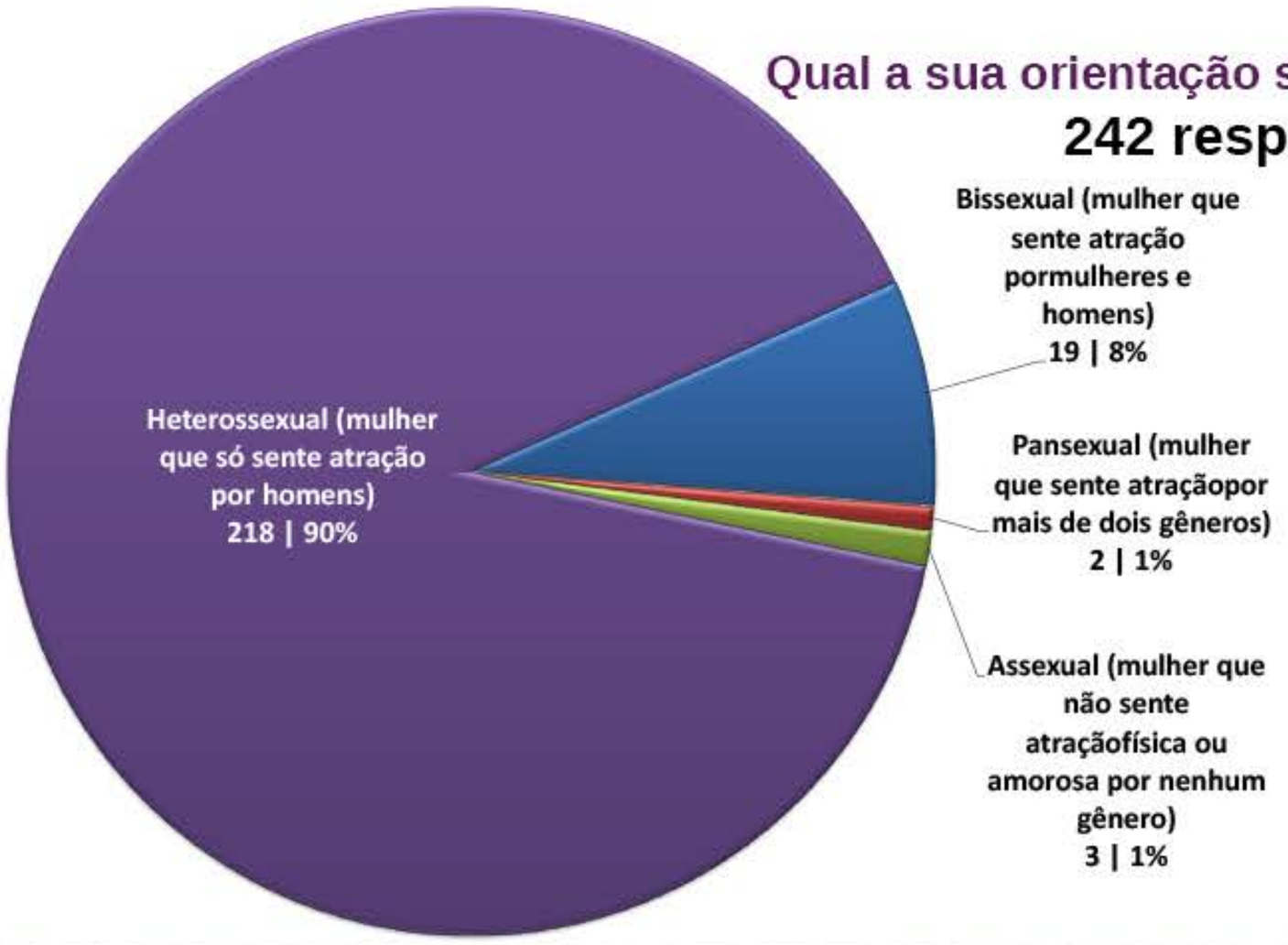
As mulheres com as quais a Camtra trabalha são majoritariamente negras (76%), se somarmos pretas (38%) e pardas (38%), as mulheres brancas representam apenas 18% de todas as re

spostas, enquanto os grupos de mulheres indígenas e amarelas aparecem cada um com 3% das respostas válidas. Fica explícito a presença massiva das mulheres negras na rede da Camtra e a importância da questão racial no nosso trabalho cotidiano.



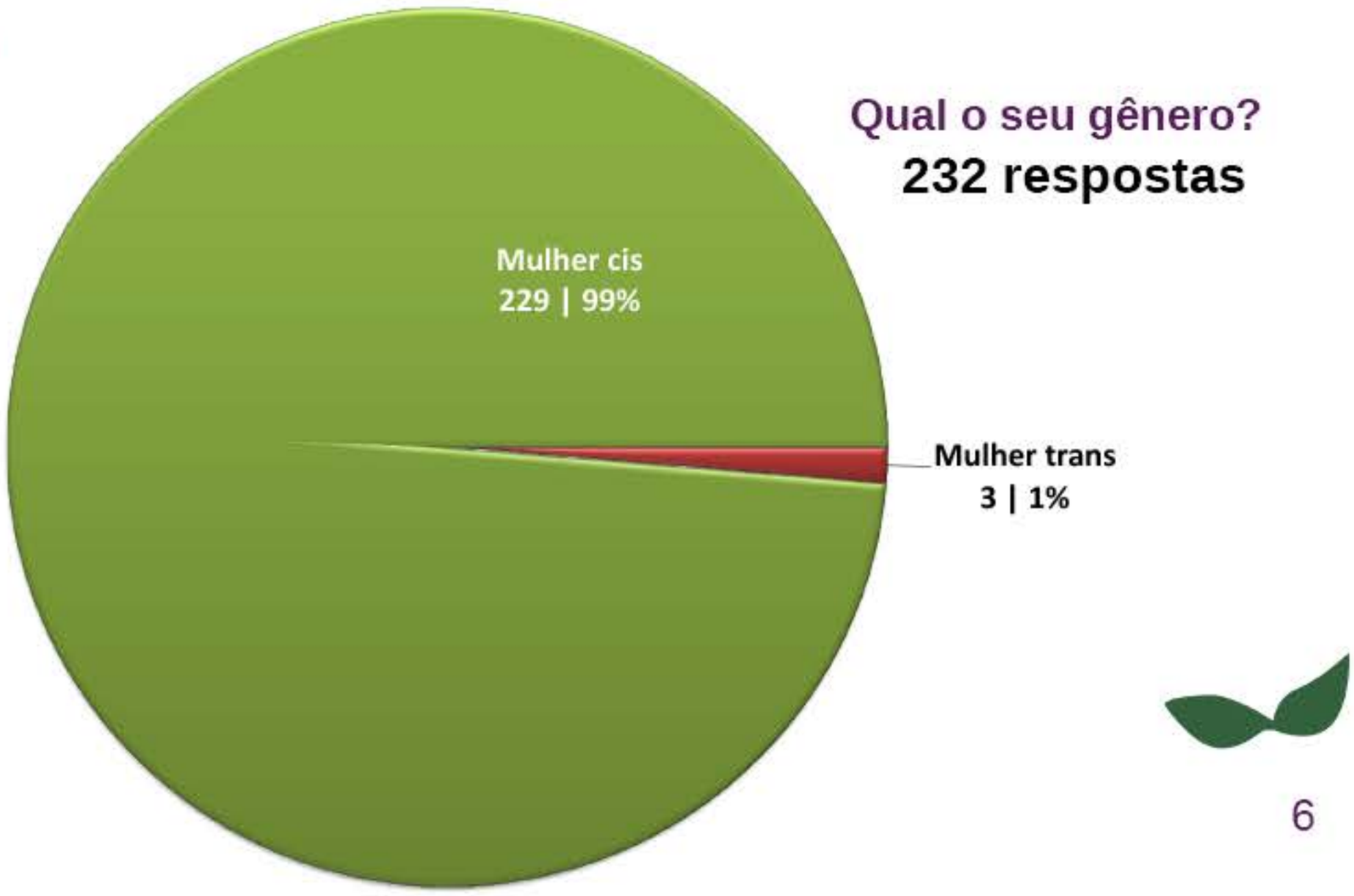
Orientação sexual

O gráfico referente à orientação sexual é marcado com 90% das respostas válidas, ou seja, 218 mulheres heterossexuais e apenas 8% de mulheres bissexuais e mais 1% pansexuais. O resultado também indica que nenhuma mulher lésbica respondeu ao questionário.



Identidade de gênero

Obtivemos um total de 232 respostas para esta pergunta, das quais 1,3%, o que representa 3 mulheres transexuais. Por outro lado, 98,7% são mulheres cis, aquelas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento.



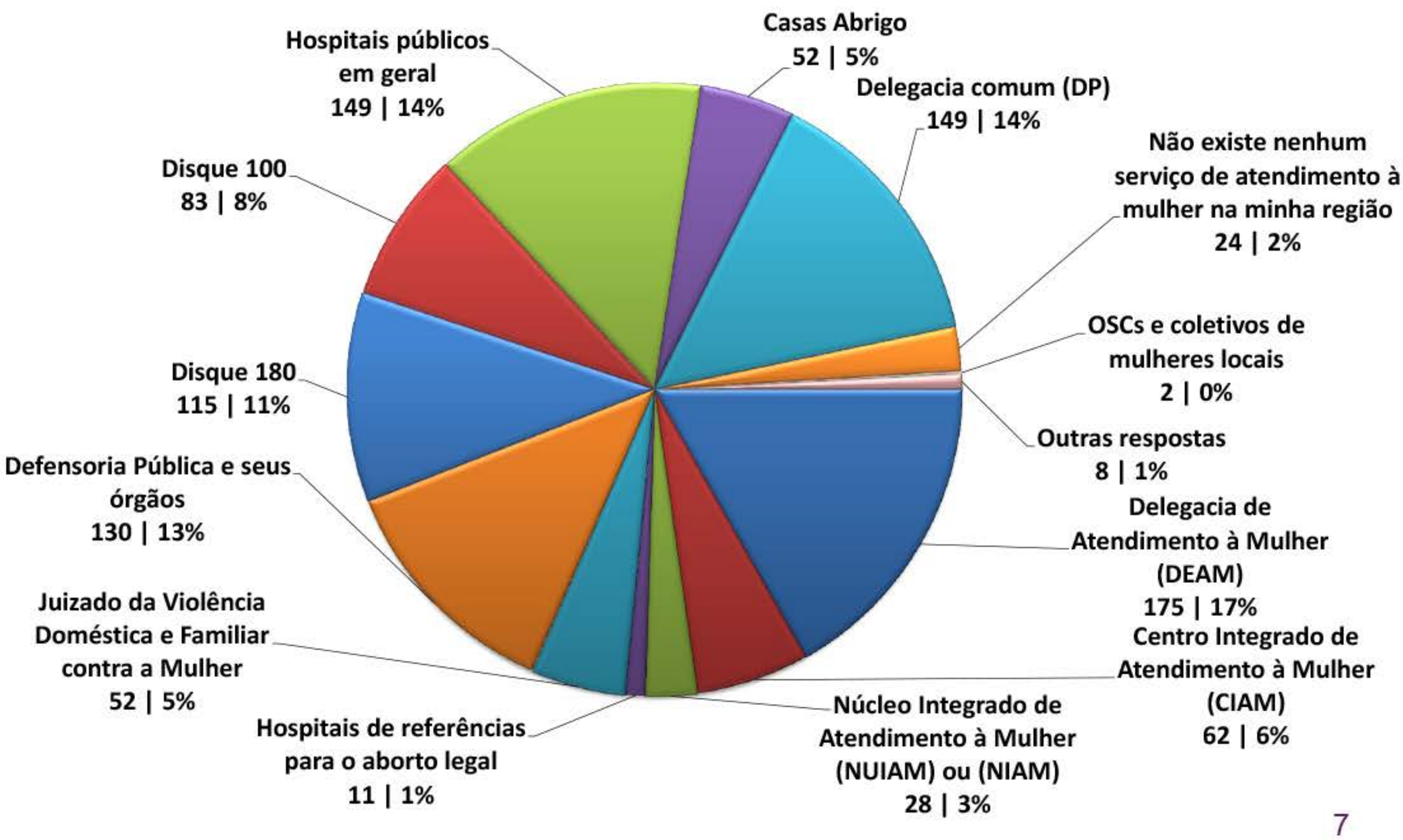
Dados sobre os serviços de atendimento a violência contra as mulheres, saúde e assistência social

Esta sessão é composta por respostas que as trabalhadoras forneceram sobre o atendimento e o conhecimento que as mesmas possuem sobre os serviços de saúde e assistência social em suas respectivas regiões.

Existência dos serviços:

A Camtra perguntou se existem serviços de atendimento às mulheres nos municípios que cada mulher reside e atua, para tal, listamos os seguintes serviços e obtivemos 237 respostas: Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam) (175), Centro Integrado de Atendimento à Mulher (Ciam) (62), Núcleo Integrado de Atendimento à Mulher (Nuiam) ou (Niam) (28), Hospitais de referência para o aborto legal (11), Juizado da Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher (52), Defensoria Pública e seus órgãos (130), Disque 180 (115), Disque 100 (83), Hospitais públicos em geral (149), Casas Abrigo (52), Delegacia comum (DP) (149), Não existe nenhum serviço de atendimento à mulher na minha região (24). Apesar de sabermos que o Disque 100 e o Disque 180 são de abrangência nacional, consideramos conveniente listar para saber se as mulheres conheciam o serviço.

Existe algum dos serviços listados a seguir no seu município?
237 respostas

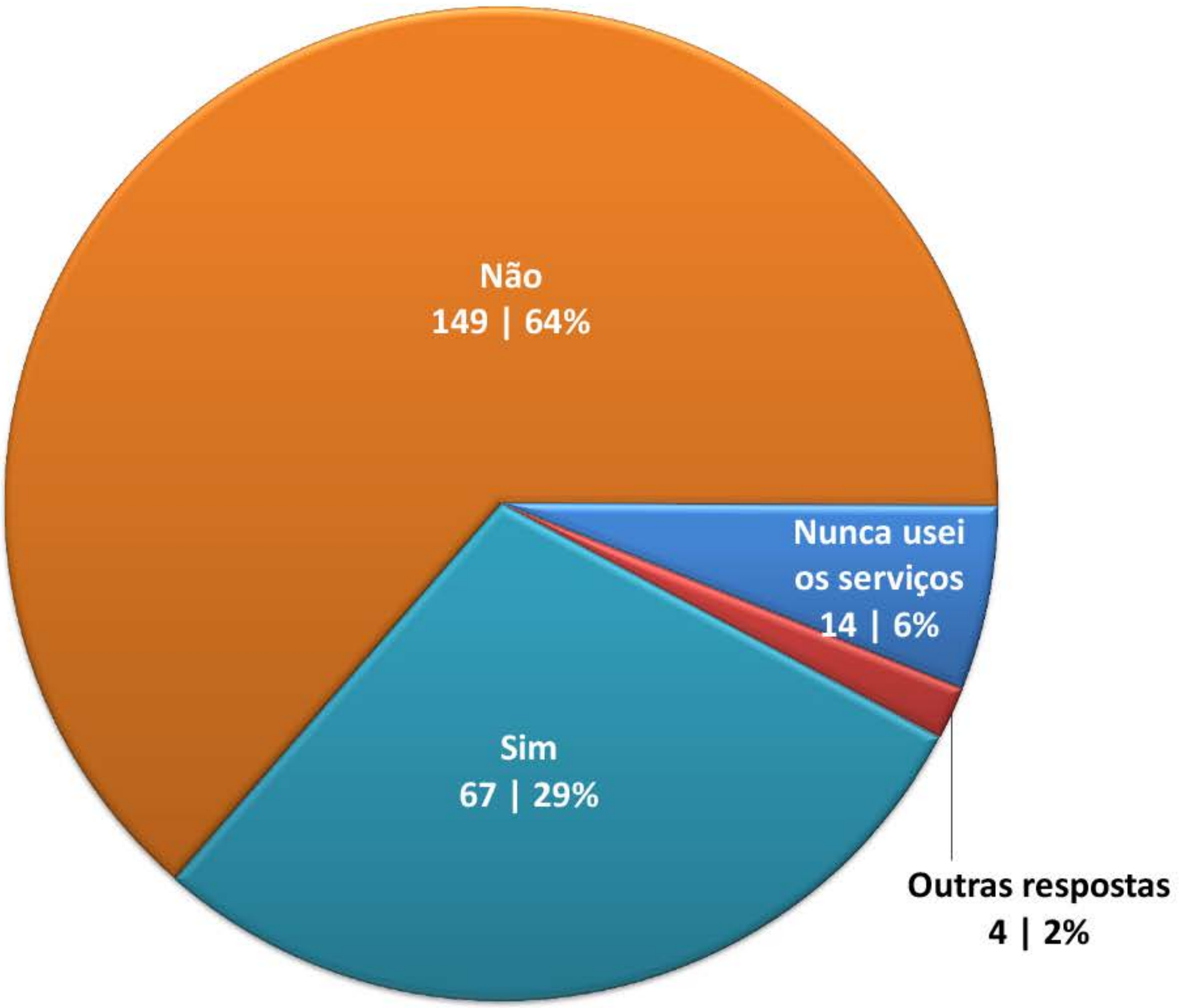


Qualidade do atendimento e violências:

Perguntamos como tinham sido os atendimentos nos serviços de saúde e assistência social acessados pelas mulheres e se elas tinham sofrido alguma violência dentro destes espaços. Recebemos 236 respostas, das quais 67 diziam que tinham sofrido violências e/ou sido mal atendidas. Ou seja, 28% das respostas indicam que as mulheres enfrentaram problemas no acesso aos serviços de saúde e direitos. Os 72% restantes dividiram-se entre respostas inválidas, mulheres que disseram nunca terem procurado os serviços e outras que não sofreram violências no atendimento.

Você já foi mal atendida, sofreu violência, não recebeu atendimento ou passou por alguma situaçãodesconfortável ao procurar algum serviço de atendimento à mulher?

236 respostas

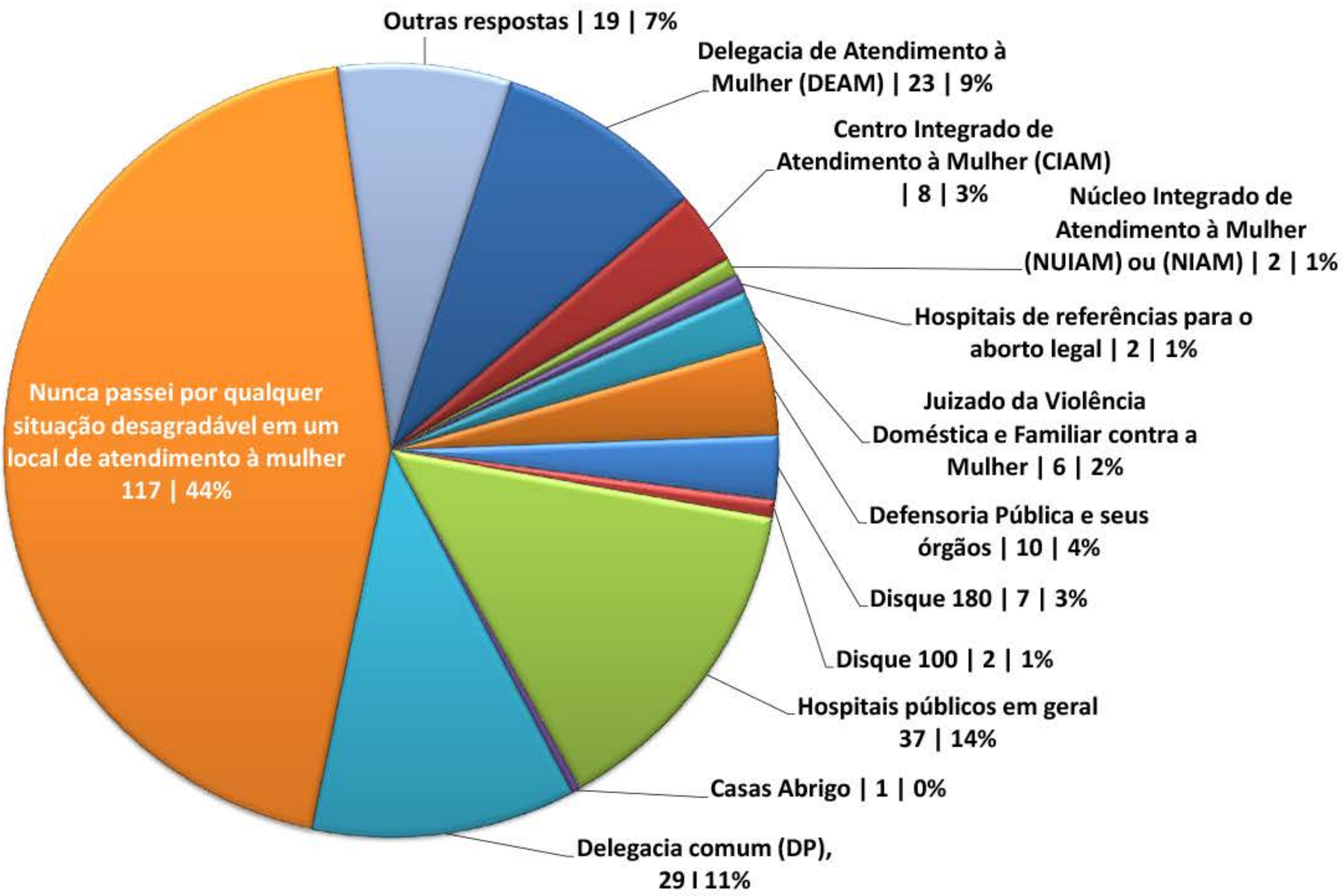


As agressões de acordo com estabelecimento/serviço em que ocorreu:

Quando perguntadas sobre cada serviço especificamente, as 218 mulheres que responderam à esta pergunta da enquete identificam hospitais públicos (37 casos somam 17%), Delegacias comuns (DPs) (29 casos com 13,3%) e Deams (com 23 denúncias e 10,6%) dos casos. Outras respostas indicam que muitas mulheres não procuram os serviços (128), mas também sabemos que 21% das mulheres relataram terem sofrido agressões e violências em algum dos serviços. Assim, somando todas as denúncias contra os estabelecimentos podemos dizer que das 218 mulheres que responderam 61,9% delas sofreram agressões em estabelecimentos públicos de saúde e assistência.

Em qual ou quais locais você passou por violência, assédio ou algo parecido?

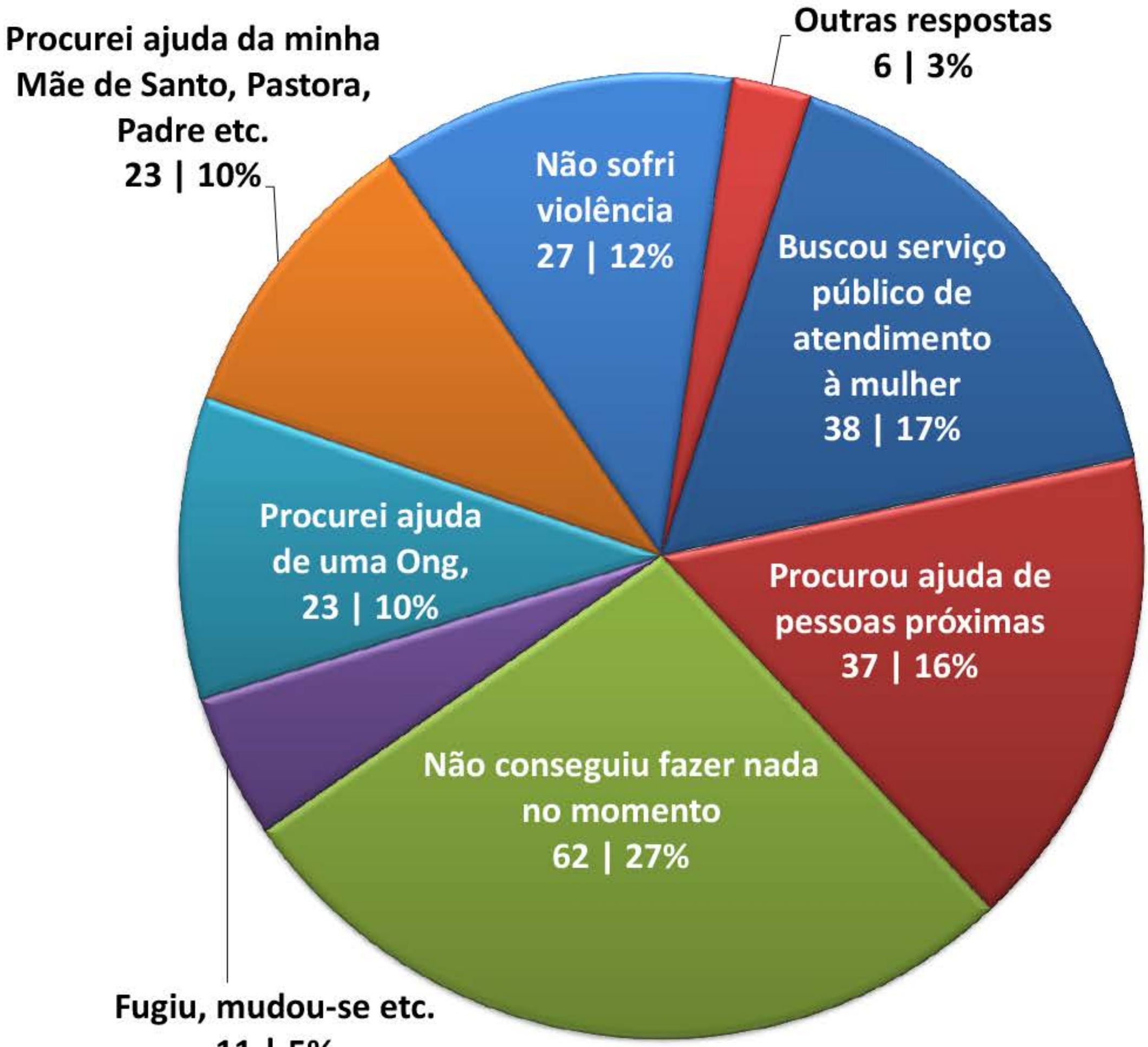
218 respostas



Medidas tomadas após a agressão:

Infelizmente o índice de notificação é baixo, ou seja, a subnotificação é alta. Isso é percebido através das respostas que indicam 62 mulheres, dentre as 187 que responderam, representando 27% afirmaram que não conseguiram fazer nada após sofrerem a agressão. Por outro lado, 38% delas procuraram um serviço para denunciar a agressão sofrida. Ainda temos outras soluções alternativas como Ongs (10%), amparo religioso (10%) e de amizades e familiares (16%) como alternativas. Isto quer dizer que pelo menos 17% das respostas indicam que as mulheres tomaram alguma providência legal após sofrerem violências. E, por outro lado, é alto o índice de casos que possivelmente não tiveram nenhum tipo de assistência. Outro ponto importante é o baixo número de respostas especificamente para essa pergunta, o que pode indicar alguma dificuldade por parte das mulheres em falarem sobre o que ocorreu após a agressão e sobre a agressão em si.

O que você fez após sofrer a violência, assédio ou algo parecido?
187 respostas

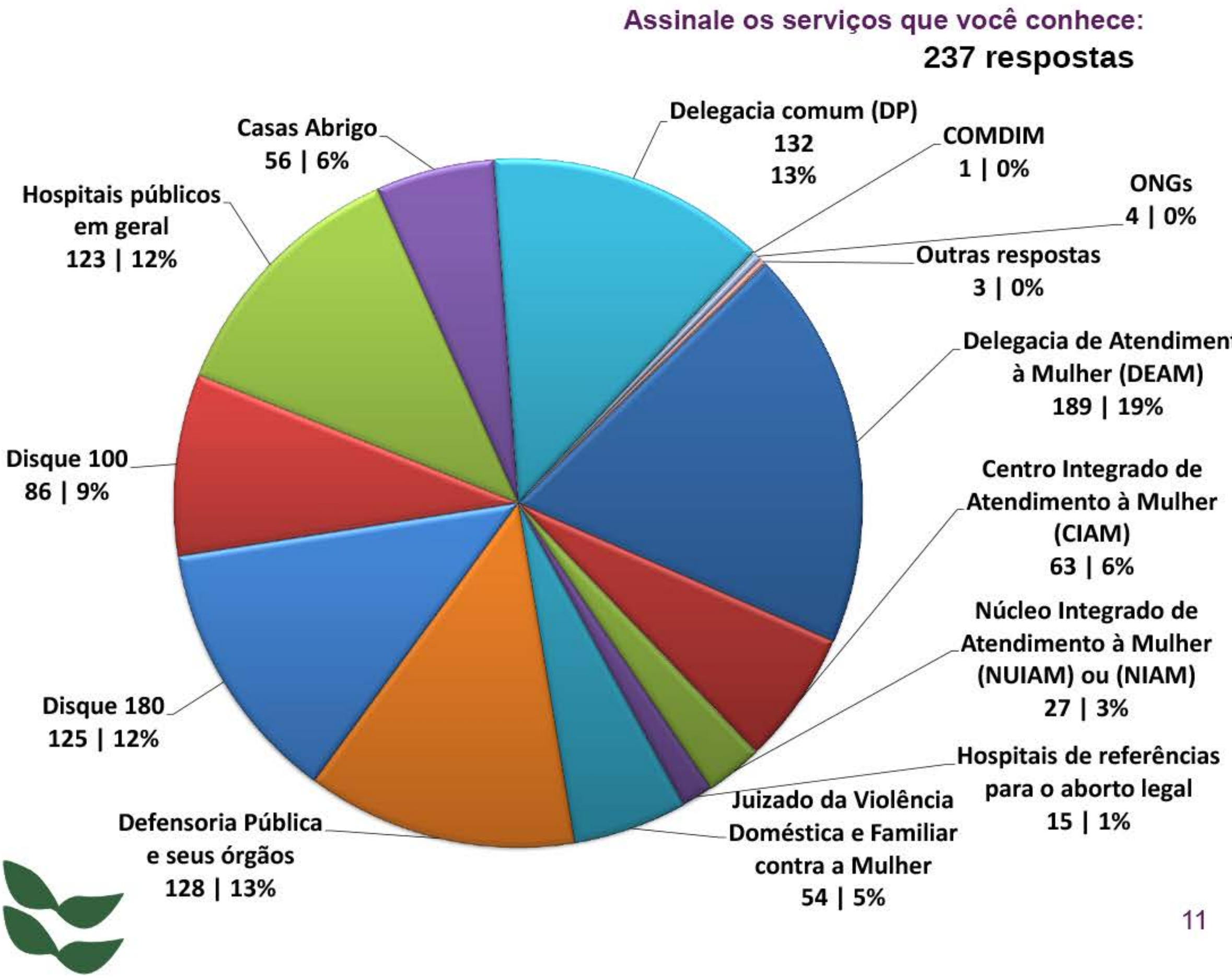


Conhecimento e avaliação das mulheres sobre serviços locais

Escolhemos fazer perguntas específicas sobre o estado em que cada mulher reside para compreendermos melhor o papel dos serviços de assistência e saúde na vida das trabalhadoras em cada por estado ou região que temos atuação enquanto instituição.

Serviços mais conhecidos pelas mulheres:

Nesta pergunta foram obtidas 237 respostas e as mulheres podiam marcar mais de uma opção. As Deams são apontadas como o serviço mais conhecido pelas mulheres com 79,7% das respostas marcadas, somando 189 citações. As DPs foram citadas 132 vezes e a Defensoria Pública e seus órgãos apareceu em 132 respostas. O Disque 180 também ficou bem colocado com 125 respostas e os hospitais públicos com 123 respostas. As respostas inválidas somam apenas 0,4%.

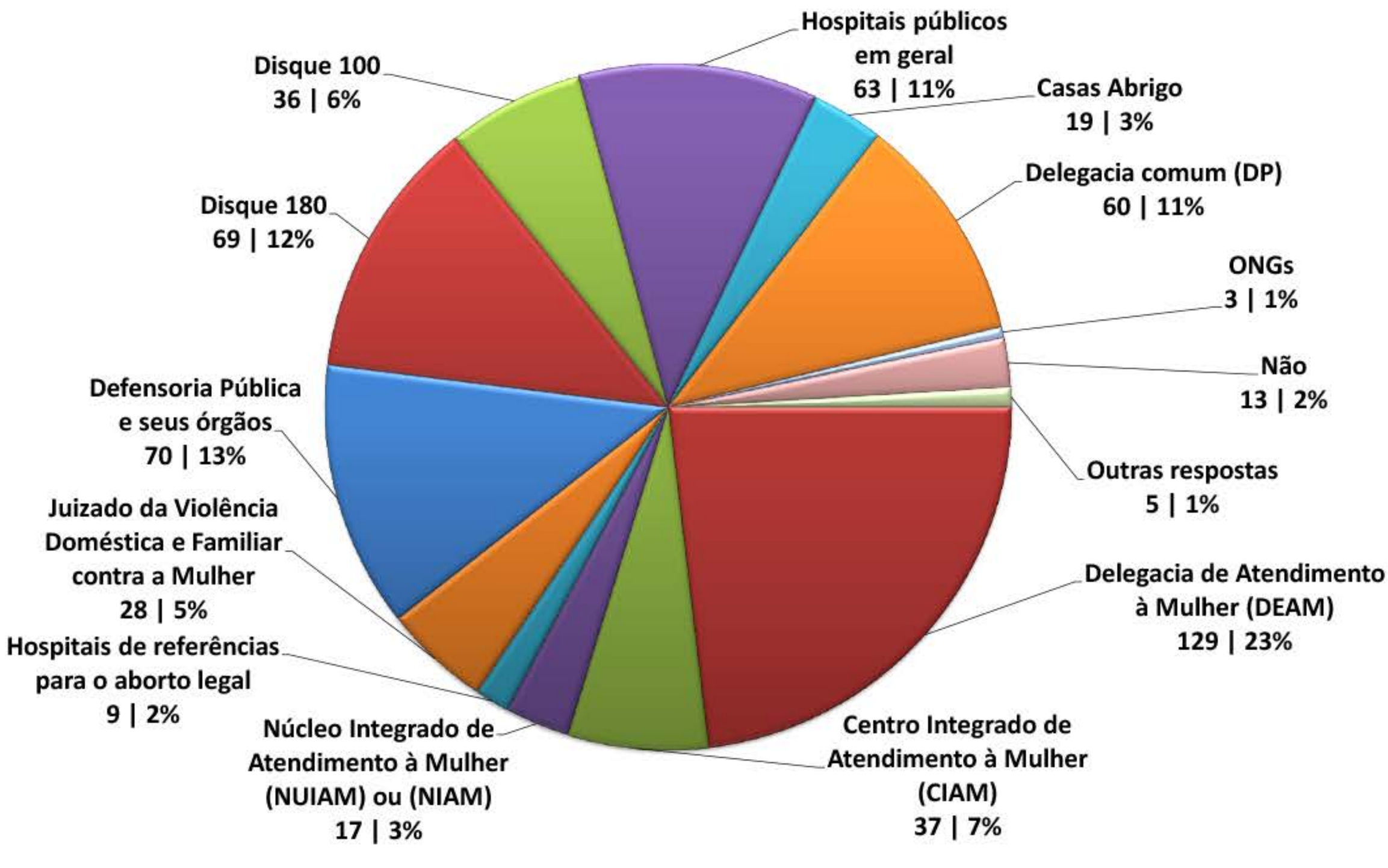


Utilização e indicação dos serviços:

Sobre as indicações e acessos aos serviços, as Deams continuam aparecendo na maioria das respostas. Foram 215 respostas e as mulheres puderam assinalar mais de uma opção. Assim, as Deams aparecem com 60% (129) das respostas, seguidas de Defensoria Pública e seus órgãos com 32,6% (70) das respostas e o Disque 180 com 32,1% (69) das respostas. Os hospitais públicos e as delegacias comuns marcam 29,3% e 27,9% respectivamente. As respostas negativas, que afirmam nunca terem indicado ou utilizado nenhum desses serviços somam um total de 7,3% das respostas.

Você já usou ou indicou algum desses serviços para alguma mulher? Se sim, quais?

215 respostas



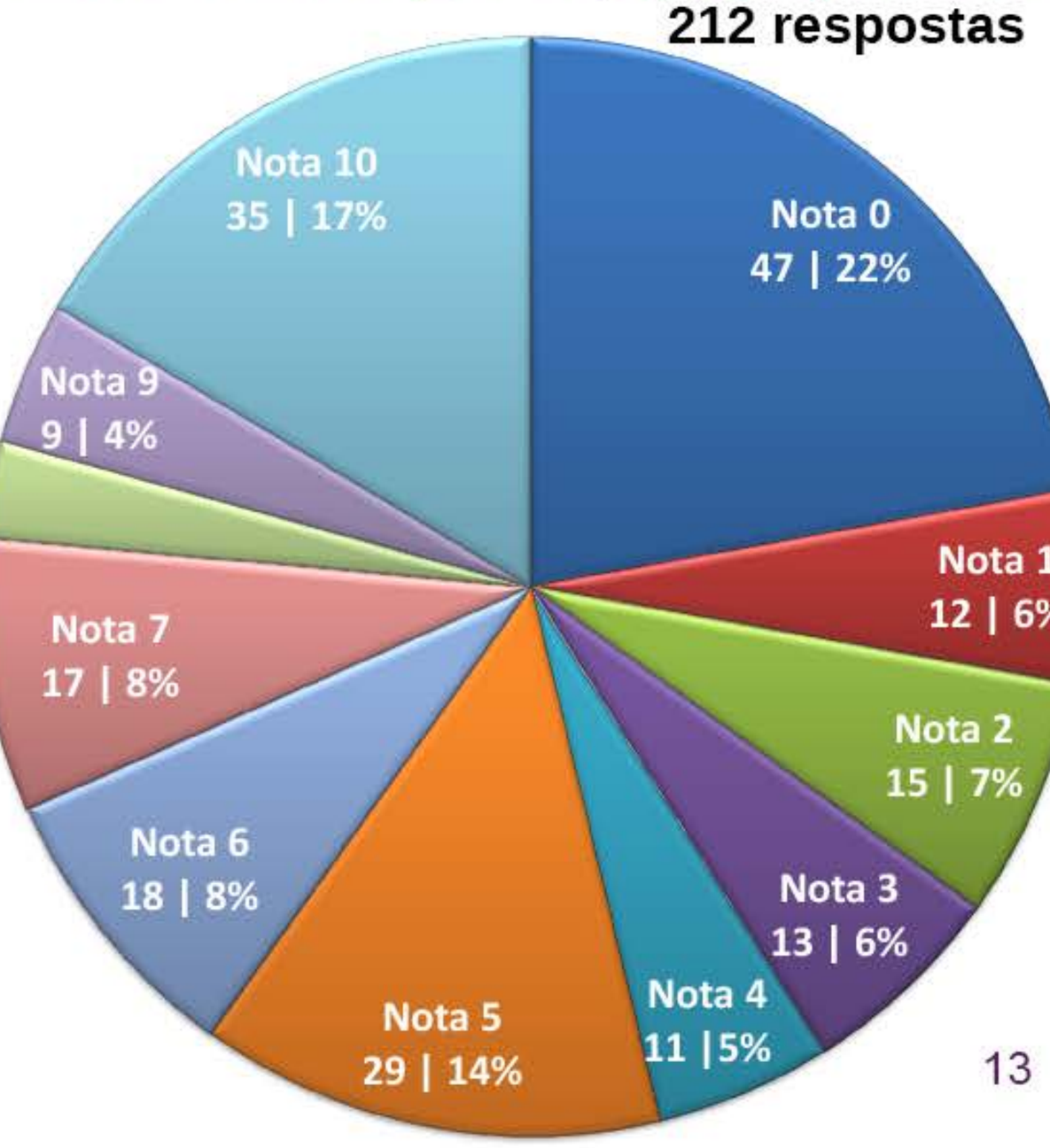
Quantas vezes os serviços já foram utilizados:

Para esta pergunta fizemos uma escala de 0 (zero) a 10 (dez) para que as mulheres marcassem o número de vezes que utilizaram os serviços. Foram 219 respostas, das quais 64 indicaram que nunca utilizaram o serviço, ou seja, zero vezes somando um total de 29,2% das respostas. Por outro lado, as demais respostas somadas indicam um total de 70,8% de mulheres que utilizaram pelo menos uma vez os serviços. Destaca-se o fato de que as que utilizaram apenas uma vez somam 20,1% das respostas, as que utilizaram três vezes somam 9,1%, cinco vezes são 8,2% das respostas e as que utilizaram dez vezes são 7,3%. As demais respostas aparecem em menor quantidade.



O quanto consideraram os serviços acessíveis:

Nesta pergunta seguimos o modelo da anterior, com uma escala de 0 (zero) a 10 (dez) para que as mulheres indicassem o nível de satisfação com os serviços utilizados, onde zero indica insatisfação total e dez satisfação total. Obtivemos 212 respostas das quais 22,2% indicam zero, ou seja, totalmente insatisfeitas. Por outro lado, 16,5% das respostas (35) indicam satisfação total (marcaram dez) com o atendimento recebido, as 0 notas 9, 8 e 7 somadas indicam 15% o que faz com que notas acima de sete sejam um total de 31,5%, um índice muito baixo de acessibilidade. Destaca-se ainda que a nota cinco, que pode ser entendida como um serviço mediano, alcançou a terceira maior marcação com 13,7% e 29 respostas.

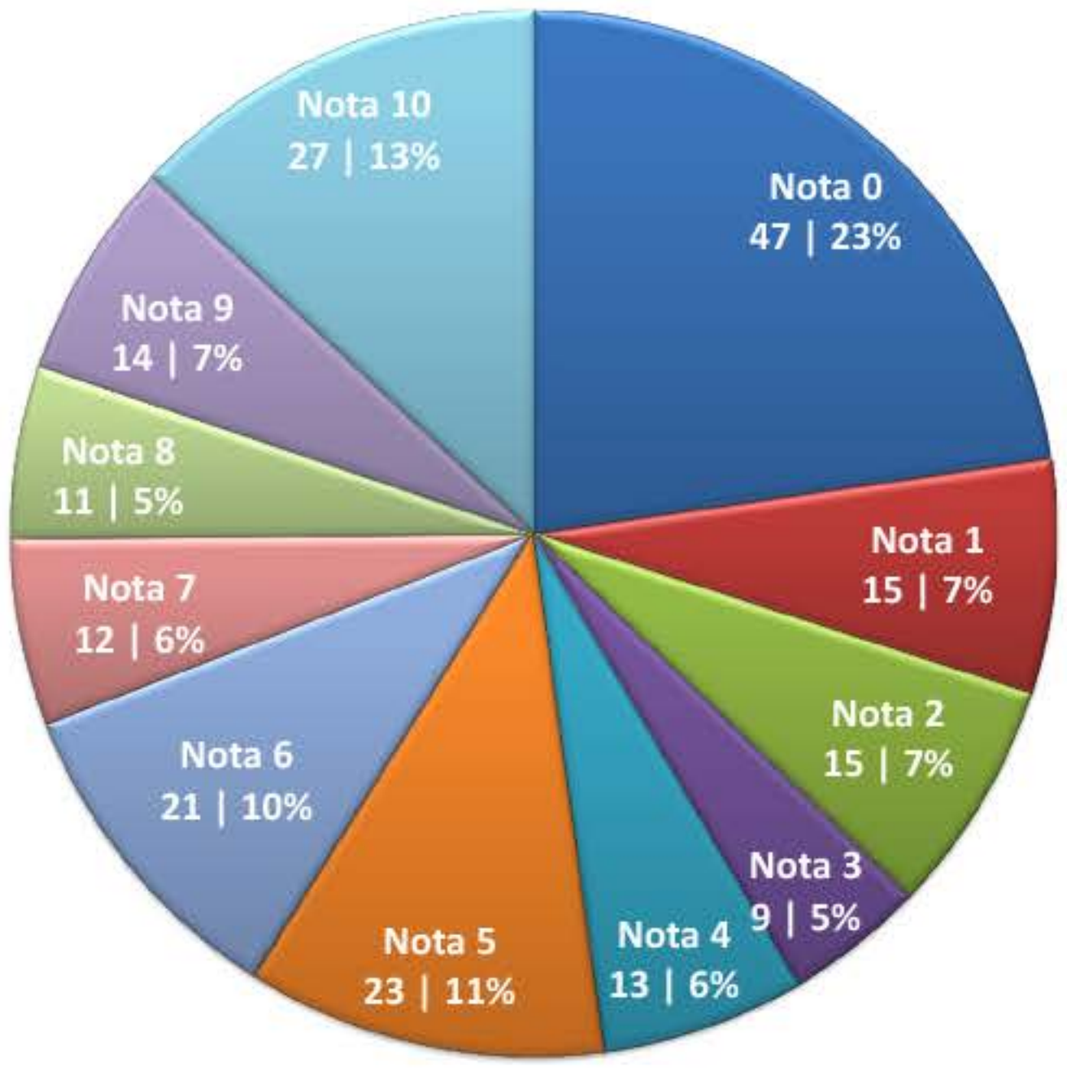


O quanto os serviços procurados atenderam às necessidades das mulheres:

O gráfico desta resposta parece bastante com o anterior, mas o índice máximo de aprovação (dez) foi um pouco menor. A maioria das mulheres reprova os serviços encontrados com 22,7% (47) atribuindo nota zero para os serviços, mas 13% atribuem nota dez e 11,1% atribuem nota cinco. As respostas de zero a quatro somadas indicam 47,7% e as respostas de 6 a 10 somadas indicam 41%. Mostrando que os serviços são mal avaliados pelas mulheres no critério de atenderem às necessidades que possuem. Foram 211 respostas e todas válidas.

Em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez) o quanto o(s) serviço(s) que procurou atenderam às suas necessidades?

207 respostas

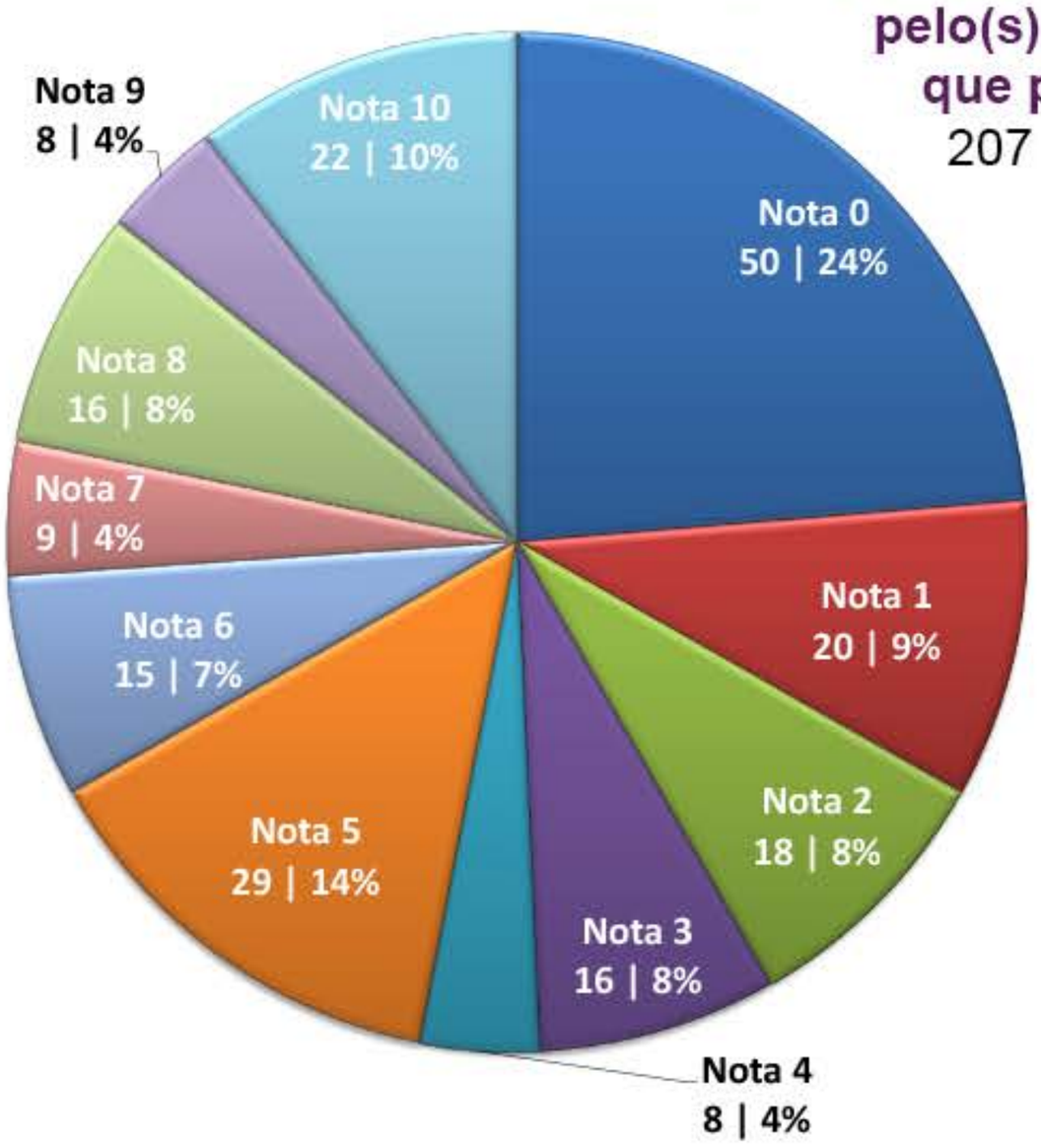


A agilidade do serviço buscado:

Para o tema da agilidade encontramos 23,7% (50) marcando 0 (zero), ou seja, mulheres totalmente insatisfeitas. O grau máximo, 10 (dez) é alto, com 10,4% de mulheres satisfeitas. Ainda temos 13,7% das mulheres marcando nota 5 (cinco) para os serviços e 9,5% nota 1 (um). É possível perceber que o índice de reprovação é mais alto neste gráfico do que nos anteriores e que as notas somadas entre 6 (seis) e 10 (dez) chegam a 33,2% enquanto as somadas de 0 (zero) a 4 (quatro) são 53,1%.

Em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez) como foi a agilidade oferecida pelo(s) serviço(s) que procurou?

207 respostas



Compartilhamento de relatos:

Esta sessão contou com uma questão aberta para texto longo na qual as mulheres puderam escrever livremente sobre os temas dos direitos sexuais, dos direitos reprodutivos e da violência contra as mulheres. Recebemos 163 respostas e 40 respostas válidas. Algumas passagens estão compartilhadas a seguir:

> “Muita demora no atendimento, mesmo não tendo volume de pessoas para serem atendidas, se negar a registrar a denúncia por não considerar a denunciante como testemunha de acusação por ela não ter convivido com a vítima na época do crime de assédio a uma criança e insinuar que a denunciante pode ser a culpada por não ter denunciado na época do crime, mesmo a denunciante tendo informado de imediato as competências legais para tomar as devidas providências, que por sinal , não foram tomadas e ainda encaminhar a denunciante para uma DEAM extremamente longe e chegando no endereço ouvir que qualquer delegacia é obrigada a registrar a queixa. Ver uma outra denunciante ser atendida com deboche no ato da denúncia. Muita demora para entrar em contato com a vítima, muita demora para receber o resultado da perícia. A única medida tomada de imediato, foi o encaminhamento para um hospital infantil público e no hospital, novamente hostilizada antes de ser atendida. Os órgãos públicos deveriam primeiro perguntar, antes de acusarem.”

> “Ao procurar a DEAM, fui atendida por um homem, o que já me causou muita surpresa. Não gostei da forma grosseira que ele falou comigo e com outras mulheres que estavam aguardando atendimento. O relato que ele fez sobre o que aconteceu comigo foi relapso e inconsistente. Erroneamente, a assinatura é feita antes de lermos o documento e ao sair da delegacia eu já sabia que o relato dele não me ajudaria em nada.”

> “Fui bem atendida sempre que busquei a DESM. O problema está nas Varas de Família, lá a mulher é tratada como vingativa e interesseira, mesmo quando ela tenha solicitado o divórcio e ela seja a maior responsável pela formação do patrimônio conjugal. A voz do homem se impõe, mesmo com mentiras e comportamentos desajustados, com a benevolência de juízes e promotores.”

“Infelizmente, nada se resolveu, o meu defensor distorce toda a história, não me pontificam de nada, pediram testemunhas, documentos, depois fizeram um vídeo chamada dando baixa sem o meu consentimento. São mais 32 processos, 13 medidas protetivas ele volta pior, quebram minhas coisas inclusive ferramentas de trabalho.”

“Atendimento com psicóloga sem nenhuma privacidade, atendimento com ginecologista em um momento delicado com a presença de mais de um estagiário tornando altamente constrangedor, falta de privacidade na delegacia e atendimento sem nenhum preparo.”

“O Disque 180 nunca completava a ligação, tentei várias vezes, e o Ciam não pôde me ajudar por violência psicológica, decepcionante.”

“Profissionais da saúde que julgam, condenam e executam a pena, em relação ao que consideram "justo" nos casos de aborto ilegal.”

“Sim, na delegacia de mulheres me senti tratada com indiferença, entrei para buscar ajuda e sai me sentindo culpada.”

“Foi um pouco constrangedor, pois tive que falar com um homem, e isso me deixou insegura e com medo.”

“Liguei para o 190 para registar uma agressão, ficaram de enviar uma viatura, que não apareceu.”

“Ótimo atendimento, me senti super acolhida parabéns as técnicas.”

“Busquei a defensoria pública e foi bem demorado.”

Conclusão

A primeira questão importante a ponderarmos e que esta enquete não é sobre as profissionais que estão envolvidas na complexa rede de atendimento às mulheres nas áreas de saúde e de violência contra mulheres, até porque, já existem estudos, pesquisas e lutas, em suas respectivas categorias, através das quais nos sentimos representadas.
As mulheres receberam a pesquisa via WhatsApp e responderam a partir da compreensão delas, sobre as perguntas. Portanto, é desta forma que os dados apresentados devem ser entendidos, como dados importantes coletados a partir das mulheres periféricas, negras e em situação de vulnerabilidade e que, de alguma maneira, foram beneficiadas por ações desenvolvidas pela a Camtra, no período da pandemia (2020-2021). Portanto, os dados colhidos nas áreas de políticas públicas, saúde e violência contra as mulheres deixaram muito a desejar, mas retratam lacunas já existentes em anos anteriores fruto do desmonte das políticas públicas e acentuadas com a pandemia. O que faz com que as mulheres sintam-se, muitas vezes, distantes serviços e com alternativas muito limitadas. Percebemos também a diferença entre diversos municípios com relação à presença ou não de determinados serviços. Entretanto, identificamos que as mulheres possuem conhecimento sobre a existência de boa parte dos serviços, especialmente as Deams. O que pode indicar um grau mais elevado de acesso às Deams. Por fim, a partir dos relatos, também identificamos que as mulheres continuam sofrendo muitas violências ao procurarem os serviços e que a revitimização aparece como uma constante.

Temos a certeza que as mulheres são propulsoras das mudanças e que tiveram e têm tido um papel importante nesta pandemia, através das ações solidárias e da disseminação de informações vitais, para salvar todos os dias a vida de outra mulher, assim como em todas as lutas diárias contra a fome, o desemprego, o racismo, o machismo e a lesbofobia.

Realização: Camtra CASA DA MULHER TRABALHADORA

Apoio: FORD FOUNDATION SOLIFONDS